

A Viagem Definitiva

C O N T O S

EDUARDO CAMPOS

A Viagem Definitiva

C O N T O S

Fortaleza
1949

À
NEIDINHA,
minha esposa

e
EDUARDO AUGUSTO
meu filho,
lembranças de maio

SUMÁRIO

A TORNEIRA ABERTA	11
A MOSCA	21
SEU MUNDO ERA O MAR	27
O CORDÃO DE OURO	37
ALICE, ME DÊ AMOR	45
FUGA	53
LÁBIO DE CRIANÇA	61
A VIDA POR UM FIO	69
ZEFERINO	77
AS ROSAS DE MARGARIDA	85
O ENCONTRO	93
UMA HISTÓRIA DE CARNAVAL.....	101

A torneira aberta

A rua estava tão calma, tão calma que se podia ouvir o vento nos coqueiros farfalhando suas palhas. Era quase noite. O trem do Porto voltara à Capital, despejando uma fumaça espessa sobre a rua. D. Maroquinha, como das vezes anteriores, parou de lavar os pratos, levou a mão ao nariz e amaldiçoou o maquinista. Ao mesmo tempo, lembrou-se de que nas outras casas da vila as mulheres haviam jantado e, diante do espelho, se aprontavam agora para receber seus homens.

– Nojentas!

Ela ia embora daquela rua. Não poderia levar o tempo todo morando entre pessoas de vida suspeita. Abriu ainda mais a torneira. A água acabou-se de uma vez. Alçou a voz sobre o muro:

– Estou precisando d'água!

Nenhuma resposta. Pensou. “Estão mudando a combinação, aprontando-se para receberem os fardas...” Mas, do outro lado do muro, o rosto de mulher que se banhava na pia, voltou-se por cima do ombro: que foi?

– Ora que foi? Tem graça! Estou carecendo d'água!

Eneida agora compreendeu. Enquanto D. Maroquinha não acabasse de lavar a louça, elas não se serviriam da água. Parecia até que não pagavam também a água da vila.

- Fechei a torneira. Me desculpe, madame.

Puxou um pedaço de combinação velha, limpou a testa úmida. Despejou o talco barato nas mãos calosas e levou-as ao rosto. Procurou o papel de seda encarnado para pintar os lábios descoloridos. Todos os dias a mesma luta. D. Maroquinha brigando pela água, o vendeiro discutindo a falta de dinheiro, o homem da padaria prometendo cortar o fornecimento do pão, a qualquer momento. Beatriz bem que dizia: “Menina, arruma logo um amigo de dinheiro, te junta com ele, porque do contrário tu nunca sairás dessa vida. Aqui é assim. A gente vai é pelo dinheiro.”

Mas ela não pode. Está naquela vida por um erro, por um ato involuntário. Tem experiência, afinal de contas mas não se transformará numa sugadora de dinheiro. E mesmo que esperam elas de sua rua e dos homens que por ela passam? Eim? Que esperam?

- Te apressa, criatura!

A voz é de Beatriz. Deve estar trocando a roupa, mettendo-se no melhor vestido. Dá um último retoque no rosto, passa o pente no cabelo e segue para o quarto. As lâmpadas da rua se acenderam e os meninos de d. Maroquinha gritam com satisfação.

- Esta mulher é mesmo lesa...

Eneida entra no quarto. Abre o grampo com o dente, e com a outra mão prepara a mecha de cabelo. Beatriz estende-lhe o vestido. Está sorridente, pensando no soldado eu ficou de vir conversar com ela, logo mais.

- O meu farda vem hoje...

- Vem?

- Ora se vem, minha nega!

Eneida não sente coragem de rir, de também dizer que espera alguém. Sente apenas que o seu organismo

exige repouso e tranqüilidade. Do jeito que vai, acabará se finando, virando prostituta sem valor nenhum.

- Fecha a torneira daí que eu quero água!

Eneida sai do quarto. Vira a voz para a casa de d. Maroquinha.

- Arre, d. Maroquinha! A torneira tá fechada. Deve ser a da outra vizinha. A senhora é chata!

D. Maroquinha resmunga: "Estas donas deviam morrer..."

Eneida suspira. Beatriz abre a boca e solta um nome. Mas a torneira já está, outra vez, derramando água sobre os pratos de d. Maroquinha.

O soldado chegou. Deu uma gargalhada ante a fisionomia triste de Eneida.

- Virgem! Você parece que não comeu, hoje?

Eneida sorriu. Aprendeu a fazer um sorriso que tudo pode significar. Vai falar, dizer qualquer coisa, mas se arrepende - "Pra que falar?" Beatriz se abraça, com o soldado, ofegante. A casa aumentou porque eles entraram para o quarto, e Eneida ficou sozinha na sala da frente. Na rua os meninos brincando. O marido de d. Maroquinha de saída para o cinema, arrisca um olho para ela. Uma voz de mulher fala em fazendas, na carestia da vida. E o vento sopra, leva vozes, pedaços de vida e ruídos do mar distante que está quebrando na praia.

Com certeza, hoje, como no dia anterior, ninguém virá à sua procura. E ela há de ficar sentindo emoções, as emoções do soldado com Beatriz, os beijos altos e fortes que ferem o silêncio como chicotadas, a vela acesa dentro do quarto, a quietude e a sonolência. Ali, na sala, que vontade de ir à farmácia, comprar veneno para rato e tomá-lo depois, deixando uma carta explicativa como viu num

jornal certa vez! Ah, como precisa de dinheiro! Como ela precisa...

- Ninguém, nêga?

- Ninguém...

- Tu tá sem sorte, eim?

Voz de desconsolo e preguiça: Tou...

Uma vontade enorme de chorar, de falar em coisas que ela não sabe dizer. Levanta-se da cadeira. O relógio de d. Maroquinha está batendo nove horas. A rua se enche de ruídos. Passa uma bicicleta por cima da calçada. Passos fortes se fazem ouvir. Vêm se aproximando. “Quem é? Quem vem lá?”

Aproxima-se da porta. Estende seu corpo. Oferece-se.

- Vem cá, meu filho. Vem.

É um rapazinho de camisa esporte. Está parado, olhando-a, indeciso com o outro convite que a mulher da casa vizinha lhe fez.

- Anda, vem, meu filho.

Resolveu. Avança pela porta aberta. Eneida joga a luz da lamparina de encontro ao seu rosto. “Por Deus! Deve ter quinze anos; mais idade não é possível!”

Ele agora parou. Ficou abobalhado diante da mulher, ofendido pelo seu espanto.

- Que foi que você viu? Sou homem!

Eneida está paralisada, absorta. Sua vontade de arrumar dinheiro, de ter alguém para lhe agradar àquela noite, foge para muito longe. Não sabe porque, mas sente uma coisa principiando a pesar em seu coração. Se seu filho não houvesse morrido, estaria como este jovem inexperiente em sua frente, de faces coradas, de mãos trêmulas. Seria seu filho assim moço, forte e decidido, se dizendo homem?

- Como é? Pra que foi que você me chamou?

- Ela não sabe dizer. Está muda, com aquilo crescendo em seu coração, aquilo que vem de longe, aquilo que representou a sua expulsão de casa, o ventre crescido, as dores do parto, o primeiro vagido da criança. Em sua frente não há um rapazinho qualquer, perdido, mas o seu filho que morreu depois de febres e sofrimentos. Decididamente, com ele não poderá ir para a cama, não poderá iludir, não poderá mentir... não poderá...

- Se está doente, diga! Ora bolas!

Silêncio. Eneida com os olhos cheios de lágrimas, com um sentimento profundo tomando conta da sala, comprimindo agora o peito do rapaz.

- Sabe de uma coisa? Vá pro inferno!

A porta foi batida com força. Passos precipitados ganharam a rua. Eneida voltou-se. Sentiu dar um longo suspiro. Suspirou mesmo com vida. Encaminhou-se para o quarto. Beatriz mexeu-se na cama e perguntou:

- Nada? Num ficou?

- Nada... Não quis.

A voz saiu-lhe com certo embaraço. Mas de que lhe serviria uma outra mais serena?

De que lhe valeriam as palavras que porventura dissesse? Naquele momento, no quarto apertado, na visão da lamparina fumacenta, dos retratos de marinheiros e soldados, falavam suas lágrimas. Não era o choro de uma mulher que perde um homem, que deixa de dormir com ele numa cama, mas de uma fêmea que é mãe.

- A torneira daí tá aberta! Fecha este diabo que eu tou precisando d'água!

Beatriz levantou-se. Apertou pela quarta vez a torneira do banheiro, que teimava em vazar. Se ela pudesse, teria fechado também os olhos de Eneida.

A mosca

Chovia. A água caía em cima das palhas do teto, num chiado insistente e a casa toda parecia gotejar. A goteira maior estava sendo aparada por um prato de ágata. De início, fora apenas um plac-plac metálico, mas depois, o prato foi se enchendo d'água e o ruído agora abafado, contínuo e característico. Alguém fumava. A fumaça era escura e subia do canto onde se encontrava seu Frutuoso. Mas, d. Honorata não reparava na fumaça, posto que tinha os olhos no filho morto, solenemente imóvel sobre os dois caixões de querosene. Às vezes, cansada, desviava a vista por alguns instantes para a goteira, para algum amigo que chegava lhe trazendo lágrimas e abraços tristes, ou para seu Frutuoso que talvez nem estivesse pensando no menino morto, mas no bom inverno chegando sobre a terra.

Honorata sente vontade de chorar. Mas não pode... O tempo todo aquele desejo se gerando em seu peito, querendo se precipitar para fora num súbito acesso. E é só uma cara de choro, uma cara muito feia deformada por suas feições envelhecidas e pela fraqueza que lhe abate o corpo. Morrera-lhe o marido há dois anos. Morria agora o filho. E se dizer que ele tinha apenas oito anos...

- Esta chuva...

Não sabe precisar o que falou. Para Honorata a vida passou, a vida morreu e não o filho; está tudo liquidado. Não existe mais quem vá levar roupa à casa dos fregueses, uma roupa engomada com tanto carinho e desvelo. E a roupa lavada? Uma recordação vem chegando; o rio, a pedra, a espuma do sabão. Nezinho tomando banho, virando-se para ela, fazendo perguntas bobas de menino.

– “Mãe, puquê o rio seca, hum?”

Hum... Ele era cheio de vida. Pretinho parecido com o pai, mas um menino bom, ajuizado e inteligente. Não fazia traquinagens. Sempre ao seu lado cuidando da roupa do dr. Feitosa. “Mãe, dr. Feitosa me dá um duzentão, num dá?”

Respira. A água continua chiando nas palhas como se por ela corresse cobras e lagartos. E ela estira o braço, faz um gesto largo afugentando a moça que voeja às feições do morto. No íntimo, acode-lhe um pensamento: “Por que as moscas gostam dos mortos? Por que? Por que não voam para bem longe, para muito longe?”

Ficam perto. Pelo menos aquela, de quando em quando, vai pousar no lábio do filho, trepando-se no nariz, com um zumbido irritante. É a sua impressão de que o filho vai reclamar, erguer-se das caixas de querosene e dar uma braçada violenta, afugentando-as para muito longe.

– O que é, Honorata? Você está pálida...

Zumbido de mosca. Quase silêncio. A goteira aberta.

– A mosca... Faz tempo. Só aperreando o menino.

Frutuoso novamente calado, pensando já no nariz do menino, na mosca voou zumbindo e desapareceu da sala. Certamente fora embora. Encolheu-se. Olhou para o prato cheio d’água, transbordante. Pensou: “Aquela palha afastada tá fazendo isso. Se continua, é preciso mudar o prato mais umas dez vezes...” Esfrega os olhos. Se não fora a

amizade que devota à comadre, não estaria ali fazendo guarda ao anjinho. Teria ido para casa, conversar com sua velha sobre o inverno que está chegando. No momento, não pode pensar nisso, embora a chuva seja uma atração e ele sinta a goteira quase caindo em cima de sua roupa, em cima de seu corpo, molhando sua alma.

- Diabo desta mosca!

Ela voltara. Estava novamente correndo sobre o lábio superior de Nezinho, lá e cá, como se procurasse um orifício para se esconder. A mão de Honorata, hostil, ágil, lançou-se ao rosto do menino, quase batendo em seu nariz imóvel. Mas a mosca escapou.

Seu Frutuoso acendeu outro cigarro. E disse para si mesmo numa satisfação incontida, olhando o prato de ágata: "Arre, até que afinal encheu!"

O enterro vai ser de tarde. Os meninos da Cruzadinha estarão presentes. Não falará nenhum companheiro de Nezinho.

Qualquer coisa como um choro forte e desesperador irrompe no peito de Honorata. E a pobre treme, quer chorar, quer deixar suas lágrimas correrem, mas não pode. Ouve-se apenas um soluço, um lancinante gemido.

- Olha a mosca!

A voz é de Frutuoso. O braço que se ergue, o movimento desordenado, de Honorata. Mas a mosca não liga, continua passeando sobre o rosto do morto, alheia aos gestos da mulher. Honorata treme. "Por que não chora? Por que não chorar?"

Está sentindo um suor frio, pegajoso, tomando conta de seu corpo e um enfraquecimento se chegando ao cérebro cansada. Ah, nem todos sabem o que é perder um filho e um filho como Nezinho! Que dor fica no peito, que sensa-

ção de fracasso. Até parece que há uma ferida no corpo, e o sangue escorre se empapando na terra.

A voz do menino parece viva dentro de casa, correndo, atijando o ferro de engomar na porta. Nezinho vivo! Botando os dedinhos umedecidos de saliva da chapa do ferro, e todo alegre: “Tá quente, mãe!” Depois, juntando os panos estendidos na cerca, rindo das calças bordadas de d. Maroquinha, sob suas palavras de repreensão.

Honorata ergue o braço. A maldita mosca se mexendo, parada logo mais, como morta, em cima do lábio do filho. A vontade de chorar detrás de seus olhos, no fundo do coração, em todo o corpo. Mas não pode. Apenas cansaço, cabeça zozna, olhos pesando, feições contraídas.

– Chore, comadre. A senhora melhora. Chore.

Mas chorar como? Como é que ela ia chorar? Não, não podia! Qualquer coisa se joga contra o choro, contra o pranto que quer sair, se gerando como um menino dentro de seu corpo. E...

Imóvel a mosca. Agora, principiou a se mexer à procura do nariz do menino. Vai aos poucos, lentamente, como se tivesse medo de ser surpreendida pelos braços do defunto. Mas vai... vai indo... E... onde entrou? Onde? Honorata ergue os olhos. A mosca teria entrado no nariz de Nezinho, a mosca suja, a mosca que adejou sobre o esterco dos animais. E ela, ali fora, sem poder fazer nada, longe do menino, deixando que a mosca profane sua inocência, suje de esterco o nariz do filho.

Algo de extraordinário acontece em seu corpo. Tem a impressão que possui duas asas, pernas, mas umas pernas fins e esquisitas. Sente-se mais leve, já se erguendo do chão, como se flutuasse. Não repara nos olhos de Frutuoso, no espanto diante de seus gestos desordenados. Não se importa. Está sentindo uma enorme sensação de

alívio. Levanta-se. Parece que vai voar, aproxima-se o cadáver como a mosca. E não é Honorata, a velha fraca e doente que aí está. já não é propriamente uma mulher. É aquela coisa que estava dentro dela e que há de caber também no nariz do menino, para afugentar a inimiga almiscando a esterco. Avança dentro da sala. Atravessa a carretilha de pingos da goteira. Seu Frutuoso de pé, os olhos desmesuradamente abertos, contempla as transformações por que vai passando o rosto de sua comadre.

- Eim? Fale! Está sentindo alguma coisa? Diga! Fale!

Estalou uma gargalhada nervosa. Depois um choro forte, alto e desesperador.

E ele então compreendeu. Naquele momento, Honorata já não era nem mãe nem mulher, mas uma dessas grandes e misteriosas moscas que voam à boca dos mortos.

Seu mundo era o mar

... é doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar!

— **N**ossa! Que peixe baita!

O velho fez um esforço, girou sobre o tamborete e olhou para fora. Lá embaixo a água escorrendo para dentro do mar e Tião com o peixe fígado no anzol, dando giros e mais giros.

— Larga ele na areia, senão desagrada!

O velho estirou os olhos. Sentiu aquele gosto de maresia, os pés afundando n'água, o caniço tremendo em suas mãos doentes, a satisfação em seus olhos calmos, em seu coração, de ter pegado um bonito peixe... Ah! Se fosse ele, como se sentiria feliz...

Antônio veio lá de dentro e parou na porta do barracão.

O mar estava brabo e um sol quente tostava a areia removida pelo vento. Olhou para o velho, acendeu um cigarro e falou:

— Esse menino qualquer dia desse pega uma doença... A mania é vivê dentro d'água, num é?

O velho foi girando, outra vez, sobre o tamborete, e se deixou ficar naquela posição de sempre. Para que responder? Para que falar? O resultado estava ali. Doente, com as mãos quase sem movimento, as pernas trôpegas, o corpo todo cansado... Mas, assim mesmo não deixava de olhar para o mar, para o pequeno rio que vem de longe, atravessando mangues...

- Pegou um bonito peixe...

O menino saiu d'água, livrou o anzol e num movimento brusco, quebrou a cabeça do peixe. Nascera ali, dentro d'água como todos os meninos, apanhando caranguejos no mangue, pescando de tarrafa, de rede de arrasta e até mesmo de "choque"... Ah! Mas como era bom pescar de anzol!

- Vovô viu como eu sou um bocado? Bote a cabeça aí na janela!

O velho calado, cismando, se metendo para dentro de seu passado. Antônio virou-se para ele, sério, como se quisesse repreender.

- Pai, o menino tá chamando...

O pai voltou-se, com esforço. Por que o filho não entendia seu silêncio? Não sabia que ele não queria falar? Vira o menino. Tião tinha razão de ficar alegre. Mas ele estava contrariado, para que falar?

- O menino gosta tanto do senhô.

O velho resmungou. Tirou a tabaqueira do bolso e cheirou rapé. Depois, respirou a maresia, o vento que vinha beirando a água, beijando os peixes e se sentiu feliz. Tião subia o pequeno morro, com o peixe na mão. Quando chegou em frente de casa, parou. Aproximou-se do velho.

- Taí, vovô Vadim... O peixe é seu!

O pescador tirou o caneco de Flandres e bebeu água no pote. Podia falar com a mulher, dizer-lhe toda a verdade. Para que insistir mais tempo com Vadim em casa, na praia? Não viam que ele, cada dia que passa, piora mais? Estava velho, o mar fazia-lhe mal. Aquele reumatismo, aquelas juntas...

- Sabe, Alice. A gente deve dá um jeito. Mandá o velho pro interior...

- Eu até tinha pensado nisso, Toinho. Mas não sabia se vancê ia gostá.

- Tenho que gostá. Desceu o caneco outra vez dentro do pote. Esfregou o dedão na pedra da soleira. Diacho desse bicho-de-pé!

- E ele? Que dirá?

- Num sei. Mas já tá chateado dessa vida. Lá no sertão, ele terá uma vida mais calma, num é? Coçou o bicho-de-pé. Virou-se para a mulher. Me dá uma agulha, que eu tiro esse danado!

Alice apanhou a agulha na gola do vestido e entregou-a ao marido.

- E... ele irá?

- Vai. Está velho. Broco. Num sabe mais nada. Hoje, Tião tava pescando. Chamou ele à vontade. Ele nem ligou. É a velhice...

- E lá no sítio?

- No sítio pode descansar, viver mais feliz. Este clima do mar não serve pro velho. Não entende isso. Enfiou a agulha com força, sem querer disse um nome feio. Virou-se para a mulher, cuspiendo.

- É... ele tem uns conhecidos da gente. Do jeito que está não pode ficá. Tá broco.

O velho apareceu. Andava com dificuldade, se arrastando nas paredes. Chegou a tempo de ouvir o filho dizer que ele era broco. Mas isso não o maltratava. Já se sentia mesmo cansado, talvez até fazendo tolices. Mas que invenção era aquela de ir embora? De ir para um sítio?

- Pai...

O velho estacou e foi descendo, sentando-se em cima de um tamborete. Alice mudou a vista. Espiava lá embaixo. O mar rugindo. O rio do Cocó descendo; as salinas ao longe, tão brancas, tão distantes.

- A gente tava falando pro senhô sair daqui, ir passá uns tempos no interior, no sertão. O senhô tá cansado, já velho...

Vovô Vadim quis falar mas se arrependeu. Para que falar? De que valia um velho como ele, um homem chegando ao fim da vida? O filho queria que ele fosse para o sertão. Delicadeza de sua parte. Mas não sabia como isso doía em seu coração.

- Pro sertão?

- Sim, respirá aquele ar, ouvi história de caçadores. Tá no seu cantinho sossegado, fumando cachimbo.

- Sem ninguém aperreando o senhô, sem essa conversa chata de mar, de caranguejo, o dia todo.

Era Alice que falava, atiçando o fogo na trempe. O peixe que Tião pegara, chiava no óleo de coco. E de momento a momento, a mão da mulher vinha com a faca da cozinha e revirava o peixe todo, fumegante, cheirando que era uma beleza.

Vovô Vadim não disse mais palavra. E fugiu da cozinha, da conversa do filho e principalmente daquele peixe.

A viagem foi marcada. Iria o velho pro sertão, na próxima semana. Deixaria a praia, a conversa repetida tantas vezes de pescaria, de maré vazante, de caranguejo no mangue, de vento forte... Iam livrá-lo de tudo isso.

Alice prepara-lhe as roupas. Passa uma mão de linha na rede de algodãozinho, ajeita-lhe as velharias, aqueles cotos de lápis, latinhas, anzóis, relógio velho, pentes, etc.

Estava quase tudo pronto. Tião procurava puxar conversa com o avô, mas o velho cada vez mais taciturno, sentado no tamborete, olhando para o mar.

- Vovô vai simhora?

Fazia que sim com a cabeça. Ia embora. Ia deixar aquele recanto da praia. Abandonava o Coco.

Antônio apareceu. Parou na porta e ficou esfregando o pé.

– Essa chuva do caju é só pra dá pulga de bicho...

Haviam saído de casa, Tião, Toinho e Alice.

Um novenário na capela de Mucuripe e eles, aproveitando a última noite em que o avô estava em casa, foram se divertir. O velho sempre se deixava ficar na janela, tomando conta do barracão.

Quando desapareceram ao longe na direção de Mucuripe, o velho se levantou com dificuldade. Olhou primeiro para o mar, com satisfação, tomando respiração bem funda. Falava em voz baixa, como se dirigisse suas palavras às águas. Então, aquele povo não via que ele era do mar? Nascera ali, ali se criara. Fora como Tião, tendo satisfação em fisgar um peixe na correnteza do Cocó. Crescera. Fora como o filho. Gostara de ter um barracão, de possuir uma mulher, de ir para dentro d'água e lançar a rede. Como é que depois de velho, ia abandonar o mar, voltar para o sertão? Por que?

Respirou a maresia numa alegria quase infantil. Depois deu de mão a tarrafa de Tião e desceu o morro. Oh! que alegria! Há quanto tempo não enterrava os pés naquela areia? Se sente mais jovem. Não sofre mais. Liberta-se da prisão, da casa do filho, onde vivia sentado o tempo todo em cima do tamborete. E por último, ainda queriam que ele fosse para o sertão! Oh! quanto tempo longe do mar, longe da terra, daquele gosto de caranguejo do mangue, daquele cheiro de terra podre.

Foi descendo... descendo... se aproximando d'água. Na sua frente estava o pequeno rio, o Cocó descendo também à procura do mar. Ele era como o rio. Não podia dei-

xar de correr para o mar. Avançou. Pisou n'água. Aprofundou as mãos na areia molhada e ficou aparando a correnteza, como quem acaricia um rosto de mulher.

Ah... aquilo sim era vida! Deu uns passos com dificuldade. Cansado. Olhou para o mangue, um pouco diferente. Há... quando era menino, tamanho de Tião, pescava caranguejo. Tempo bom! Enfiou novamente as mãos dentro d'água. Que gosto! Que felicidade!

Agora, com esforço, foi abrindo a tarrafa. Ia dar um lance. Não podia ficar na beira do rio, olhando o “risco” do peixe, sem lançar a rede. Ah! Teria forças para isso? Abria a tarrafa... abria...

Teria que entrar um pouco mais de rio a dentro. Avançar depois em procura do mar, lançar a tarrafa, cobrir o peixe que estaria, a essa hora, avançando do mar para o interior do rio. Foi indo, o pedaço de fumo dentro da boca, como nos dias das grandes pescarias. Avançou mais. Agora, mal podia ficar em pé. O rio estava forte. O mar vinha ao seu encontro, levantava ondas. E vovô Vadim mais cauteloso, avançando de tarrafa em punho. De repente, fez finca-pé, olhou para o mar. O mar era grande e engoliu o rio. O rio era pequeno e ele menor ainda, insignificante. Lançou a tarrafa.

Viu a rede se abrir, viu a rede baixar carregada velozmente pela “chumbada”, viu qualquer coisa batendo dentro dela, querendo arrancar, fugir! Tinha pescado! Ainda sabia pescar! E foi puxando, colhendo as malhas, procurando sair do aperreio do rio, do seu encontro mais forte com o mar.

– Tião! Tião! Meu neto, venha ver como vovô Vadim sabe pescar! Tião! O Tião!

O vento soprava forte, de rijo. E o velho lutando para sair do rio, para colher a rede, desesperadamente.

- Tião! Meu neto! Venha ver! Tião!

Quando os pescadores acorreram à praia, à escuta da voz tão familiar do pescador, não o encontraram mais.

A noite estava serena e o rio, como Vovô Vadim, corria para o mar.

O cordão de ouro

Quase duas semanas matutando, pensando na maneira mais fácil e menos perigosa de entrar na igreja. Lá estivera várias vezes, olhando com fingido desinteresse a fechadura, os ferrolhos que prendiam a porta principal. Mas, depois de muito pensar, ele que não se apertava em levar à frente seus planos, achara uma solução para o caso. Mandaria fabricar uma chave falsa, para poder abrir a porta. Feita a chave, outro problema mais grave surgira em sua mente. “E se após tanto trabalho, com risco de ser surpreendido, tivesse em suas mãos um cordão que não fosse de ouro?”

Sim, se não fosse realmente de ouro o imenso cordão que pendia à cintura da santa, depois de lhe dar uma volta completa, seu trabalho teria sido perdido. Duas semanas de pensamentos á procura da maneira mais fácil de entrar às escondidas na igreja e consumir o roubo.

Mas devia ser de ouro. Esta última palavra martelava em seu cérebro o tempo todo. Afinal de contas, a santa da cidade era rica, e ele sabia até onde poderiam ir os caprichos daquela gente. “É ouro, é ouro...” O sacristão, seu Enedino, dissera-lhe com o ar cheio de satisfação:

– Ouro, meu amigo! Ouro bom, daquele do tempo antigo.

Se era mesmo do tempo antigo, ia ser rico, ia ter a magnífica oportunidade de deixar, de uma vez, a vida de rapinagem, surrupiando carteiras, assaltando casas, pon-do sua própria existência em perigo. Não desejava ver, nunca mais, o rosto do delegado em sua frente, avançan-do sobre uns ombros largos e fortes, dizendo nomes que tanto o ofendiam. E depois? Longe de seus pensamentos a possibilidade de ser surpreendido pela polícia, pelo guar-da grosseiro. Longe, para longe essa idéia de entrar na borracha, de apanhar aos gritos na solitária da prisão.

Se o cordão é de ouro, vai embora levando-o consigo. Tomará o primeiro trem que passar, embarcará para bem longe. Lá... (Quer pensar num lugar, mas na hora não se lembra) arranja um amigo, corta o cordão, transforma-o em alianças, em broches... e adeus polícia, adeus delega-cia do primeiro distrito, com o delegado rancoroso olhan-do-o por cima dos óculos.

Duas semanas pensando. Agora, mais um jeito, mais uma volta na chave e estará dentro da igreja, mergulhan-do nas trevas. Ninguém pressentirá, ninguém pressentirá, ninguém saberá que ele vai andar pelo corredor na direção da imagem, à procura do cordão de ouro.

Virou a chave. A lingüeta da fechadura correu num ruído característico. Com a mão trêmula, empurrou a por-ta. E viu-a ir-se abrindo, mansamente, como se corresse em carretas. Nenhum chiado. Apenas um ligeiro toque na parede, quando de toda se abriu.

Antes de entrar, olhou para trás. Certificou-se que ninguém o seguira, que estava só, completamente só. (Ah, se o delegado soubesse!) Avançou. No interior do templo, fechou a porta atrás de si e nela se encostou, sentindo-se esmagado pela escuridão que parecia desabar do forro. Um suor frio principiou a escorrer pelo pescoço, caindo-lhe

dentro da abertura da camisa-de-meia. Não sabe porque, mas tremia. A impressão era de estar suportando um enorme peso, de estar sendo vigiado por pessoas que se escondiam na escuridão. Se fosse um ladrão comum, de pouca experiência, teria gritado, certamente. Mas se conteve firme. Teria coragem, custasse o que custasse. Não devia se trair, voltar à sala da delegacia, caminhando pelo meio da rua, aos gritos, com medo da escuridão da igreja. Escuridão matava alguém? Afastou esta última idéia.

“Ouro, meu amigo! Ouro do bom, daquele do tempo antigo!”

“Ouro! Ouro bom... ouro antigo!” A cabeça parece abrir-se. Sentia alguém gritar-lhe: “ouro! ouro!”, o tempo todo. Passou a mão pela testa empapada de suor, procurou esquecer a voz do sacristão, a voz estranha que rebentava em seu ouvido num cochicho constante: “ouro! ouro!”

Soltou-se da porta. Deu o primeiro passo. Avançou. Não recuaria. Sempre fora corajoso e dessa vez ainda não iria bancar o medroso, o moleirão. Para a frente! Puxou a caixa de fósforos, acendeu um dos palitos. O clarão iluminou o centro da igreja. Levantou a mão como se erguesse uma barra de ferro e com alegria viu no altar-mor, no nicho, a santa do cordão de ouro. Ah, já não sentia os olhos atormentando, a escuridão pesando, calcando-lhe o peito. Calculou os passos. Mais trinta... mais vinte e nove... três... dezenove... (“Ouro antigo... este ouro vai me salvar...”)

Avançou mais. Teria de pular a grade da comunhão para atingir seu objetivo. Mas aquilo era o mais fácil. Em último caso, talvez fosse até melhor abrir a portinha da grade. Ficava no meio do corredor, por onde passara muitas vezes para comungar, tempos idos. Ah! o cordão de

ouro, grande, pesado...” Já o sentia no bolso das calças, pesando, garantindo os dias de seu futuro. “Quanto estará custando uma grama de ouro?”

Abriu a portinha. Mais seis ou oito passos, se muito, subindo os batentes, suave, como se pisasse em algodão. O coração batia descompassado. Novamente nervoso, com o suor frio escorrendo dentro da camisa. A imagem, em sua frente, cresce diante de seus olhos acostumados ao escuro, com a ajuda da luz da lua que se filtra por um vitral. “Cordão de ouro antigo!”

É estender a mão e apanhar o cordão, puxá-lo de uma vez, tocar na santa. TOCAR NA SANTA! E se fosse castigado? Por que ia num momento como esse pensar em pecado? Mas... seria ou não seria pecado?

Tolice. Não havia pecado. Não devia ficar ali, olhando para o altar, para a santa, para o cordão de ouro antigo. Era agarrar o cordão e ir embora, não ter medo nem remorso. Medo de que? Remorso de que?

Instintivamente, recuou dois passos. Um morcego passou-lhe rente ao rosto. Agora, desejava voltar, ir embora, sair da igreja. Oh, como o silêncio, como a escuridão pesavam! Sentia-se sem fôlego, com uma vontade louca, poderosa de gritar bem alto.

Não voltaria. Não iria embora. Era um ladrão ruim, miserável, capaz de tudo. Só desejava fugir porque temia não ser de ouro o cordão da santa. Conhecia-se muito. Sempre fora um péssimo sujeito, desprezado pelos conhecidos. Coração bom? Pura ilusão. Incapaz seria de fazer aquilo que o delegado lhe dissera certa vez: um ato digno. Bobagem, sempre andara pela cartilha da maldade. Desde pequeno, roubava. Jamais respeitara a tranquilidade dos outros. Como é que agora, por causa daquele maldito escuro, ia respeitar uma estátua de gesso?

A luta ia aberta em sua consciência. “Um ato digno!” Asneira sua. Não sabia nem o que significava “ato digno”. Empolgava-o o roubo, a briga com o delegado... (Ah como o silêncio e a escuridão continuam pesando!) Baixou a cabeça.

Mas uma voz humana suplantando o peso do silêncio e da escuridão, segredava-lhe ao ouvido: “Você é mesmo mole. Quer ir embora porque desconfiou que o cordão não é de ouro. Se fosse de ouro, você já estaria com ele nas mãos. Você é um desordeiro, um perdido, um homem ruim!... E além de ruim, covarde!”

Estremeceu. Uma vontade de gritar, rasgar com seus gritos o silêncio e a escuridão. E num impulso que veio forçado por tudo, pelas palavras do delegado, pela borracha do carcereiro, pela revolta que sentia dentro do peito, avançou. A santa cresceu, tomou conta do silêncio e da igreja. E ele parou, estacou como se estivesse ameaçado. “Seria pecado?”

A voz brotando agora de dentro de seu corpo: “Você não rouba porque pensa que o cordão não é de ouro. Pensa que o sacristão mentiu. Você é ruim. Você não é capaz de um ato digno.”

Avançou. Ergueu o braço. E com a mão agarrou o cordão. Nervosamente soltou-o, apanhou um fósforo e o riscou. A luz bateu em cheio na santa e no cordão. Era ouro! Via mesmo que o cordão era de ouro antigo, um cordão que valia uma fortuna! Apalpou-o sentindo o seu valor. E depois como se libertasse, como se afastasse para bem longe uma grande dor, gritou numa voz cheia e vigorosa:

– É de ouro. É de ouro antigo!

Soltou o cordão. Deu meia volta e correu pelo corredor, ganhando a rua.

Lá fora havia silêncio e escuridão, mas não pesavam mais em seu coração.

Alice, me dê amor

– **D**eixa o aleijado passar!

– Fiu!

As gargalhadas encheram o salão onde mulheres se ofereciam aos homens, com seus vestidos decotados. E eles, àquele momento, não olhavam para os decotes, mas para Alfredinho que ia passando... A perna dele, assim torta, não era mesmo ridícula? Por isso riam todos e em consequência Alfredinho sofria.

Passou sério, como se ninguém falasse com ele, como se aqueles gritos não ferissem seu aleijão. Por dentro, estava dolorido, com uma vontade louca de gritar, de esbofetear o homem gordo que dormia diariamente com Alice e que anunciara sua presença. As mulheres riam satisfeitas, dobravam-se em gargalhadas quando o viram passar na frente de Alice, que recendia a perfume, com os seios acalentados dentro do vestido.

– Ô homem feio!

A madame, dona da casa suspeita, ria serenamente para agradar aos fregueses que se entusiasmavam com Alfredinho. De início, quisera ter um pouco de compaixão pelo miserável que lhe servia tão prontamente, fazendo mandados a todo tempo, repreendendo os que se excediam nas chacotas. Mas, com o passar dos anos, deixara

levar-se na onda. Hoje, ria também. E ria mais ainda quando o homem gordo, que gastava muito dinheiro na cerveja, balançava as bochechas em gargalhadas gostosas.

- É feio! Horrroso!

Alfredinho vai passando, puxando a perna, curvo, sentindo-se terrivelmente humilhado. Mas não se sustem direito. Vai aos tombos, sendo empurrado pelos homens, batendo nas mulheres, tornando-se mais grotesco ainda nos movimentos desesperados que faz para se manter em equilíbrio.

- É feio mesmo, ô aleijado feio dos seiscentos!

Some-se na porta do corredor, triste, acabado.

As gargalhadas enchem a sala, ruidosamente.

Duas horas da madrugada. Neste momento, os homens estão levando as raparigas para os quartos, conversando em voz baixa. Só ele não tem com quem falar, a quem dizer ou fazer carinhos. Sente o corpo quente, a perna pesando como se fora um fardo inútil. Sabe como funciona o complicado mecanismo de d. Branca. Conhece o ruído dos trincos, a voz de cada mulher, ranger de cada cama. Conhece os suspiros de Eneida, de Rosa e, infelizmente, de Alice...

Quando reina a escuridão, ouve distintamente a respiração ofegante dos que se precipitam para o amor, dos que satisfazem o corpo. A esta hora, inveja os sãos, seus conhecidos amigos e inimigos que podem ser felizes. Ah, quem lhe dera ter prazer assim ao lado de uma mulher bonita como Alice, cheirando a perfume caro e se desmanchando em dengue... Ah! se pudesse, se ele não tivesse aquela perna, aquele rosto feio!

Mas não pode. Há de ficar na alcova, abafado, na cama quase sem panos, sozinho, abandonado, mais infeliz do que o cãozinho de luxo de d. Branca, que dorme sobre almofadões e anda de mão em mão entre cheios e carícias outras.

Olha para a perna. Tudo escuro. Mas assim mesmo enxerga a razão do seu isolamento na vida.

Vira-se na cama. No outro dia, a mesma luta. Será tentado pelas mulheres. Mostrar-se-ão quase nuas, afrontando seus desejos recalçados, seus anseios de amor. E não pensarão, nem de leve, que ele também é homem e que se martiriza vendo-as seminuas em sua frente.

Mas coitado! Quem pensará em se deitar com um homem feio, pobre, sem dinheiro e, além do mais, dono de uma perna torta? Elas gostam de homens bonitos, de pernas que se possam mexer, do dinheiro tinindo em cima da banca e a cerveja escorrendo, fazendo espuma no copo. Quem iria perder tempo com ele? Quem?

Fecha os olhos. Dormir não pode.

Ouve suspiros. Breves frases. Ranger de camas.

A casa toda e um mulher amando.

Anda. Atende aos chamados. Arrasta-se no interior da casa como se fora uma aranha de pernas tortas. Acorre ao sinal de Alice, Alice que dorme todas as noites com o homem gordo.

- Vá buscar cerveja pra mim, viu?

Corre. D. Branca quer dizer qualquer coisa. Está gritando, agora, de seu quarto.

- Depois venha cá!

Responde que sim. Apressa os passos. Quase escorrega. Anda sempre assim. Às vezes, cai mesmo para satisfação das mulheres. Há um ruído de vozes. D. Branca comprime as risadas com sua voz autoritária. E ele, novamente, correndo, sobraçando garrafas de cerveja para Alice... Porque Alice e não outra mulher?

De noite, estará na cama, com saudades dela, de suas feições tão bonitas... Se pudesse, não ficaria isolado, distante dos outros. Ah, como gosta da voz de Alice, de suas pernas bonitas, de seu cheiro de mulher, de seus gestos largos e felizes...

- Deixas o aleijadinho passar!

Palavras de misericórdia, de injúria, muitas vezes. Sinal quase sempre para gargalhadas. E ele ouvindo alguém comentar seu defeito físico, indagando a razão de ser daquela perna horrivelmente torta. Oh, sofria para responder, sofria citando toda uma longa história, Santa Casa, sofria, operações, médicos, sofria, sofria.

Vai e volta. Carrega cerveja para os músicos.

- Aleijadinho, vem cá!

Sente raiva. Não foi batizado por “aleijadinho”. Ainda possui nome. Roda sobre os pés. Não adianta discutir, trocar palavras. Se brigar na pensão, é capaz de ser posto no olho da rua. “Ao menos se Alice pensasse nele...”

É por Alice que suporta aquela vida. É por Alice que sonha em sua cama, todas as noites, a despeito da perna torta.

- O que é isso, Alfredinho? Está cansado?

- Não... Tolice minha. Um pouco de dor de cabeça.

Faz força para se manter de pé. Sai andando. A voz de d. Branca corre pela casa. Ele pensa. “Como é triste uma casa de mulheres à-toas, durante o dia...”

Vem de volta. Traz uma garrafa de cerveja na mão.

- Só tem quente. Está faltando energia.

- Ora, Alfredinho, não tem importância.

Abre a garrafa. Despeja o líquido no copo. Um fox lento, terrivelmente triste está tocando no quarto de Alice.

Alfredinho fica parado, por instantes, alheio ao mundo. E só depois que o fox se extingue, lembra-se de que deve ir para o quarto, descansar.

– Você parece que está doente, rapaz.

– Não, qual o que!

Retira-se apressado, arrastando a perna.

Se o corpo não estivesse quente, ele não teria se resolvido pedir dispensa do serviço. Mas, quase noite, venceu-se pela febre. Falou a D. Branca. Queria descansar um pouco. O serviço estava terminado e se não fosse algum mandado surgido à última hora, nada mais teria a fazer.

A velha acendeu. Disse-lhe para tomar uma capsula com chá bem forte e quente. Concluiu:

É gripe. Não se impressione.

Retirou-se para o quarto. Deitou-se na cama e ficou ouvindo os ruídos da casa, a pisada de Eneida, a voz da velha falando no preço exorbitante da cerveja.

Depois, não sabe como, teve a impressão que Alice vinha ao seu quarto. Sentia seu perfume. Ouvia-lhe as pisadas. Ela se chegava a ele, como se andasse sobre rosas, rosas que ele derramara pelo chão. Estava dentro do quarto, dizendo-lhe palavras de amor, umas palavras bonitas que vira certa vez num livro de histórias. Era um homem feliz. Um homem amado por Alice, a rapariga de mais valor da pensão, por uma mulher que não via sua perna torta. Suas mãos procuravam seu rosto, afagavam seu delicado colo. E aquele fogo crescia, ia crescendo cada vez mais dentro de seu corpo.

Remexeu-se na cama. Falou alto. De repente, ela se levantou, foi fugindo de seus braços, saindo do quarto. E ele, como louco, principiou a falar, a gritar bem alto. Queria que ela voltasse, queria tê-la mais uma vez em seus braços.

Houve um estremecimento em seu corpo. Acordou. Não sabe mesmo se gritou ou se falou alguma coisa do sonho tão bom que tivera. Passou a mão pelos olhos e viu Alice e mais duas ou três mulheres olhando admiradas.

- Delirando, eim, seu Alfredinho.

A voz era de Eneida, que estava rindo, fazendo troça.

Não encontrou palavras para dizer. Achava-se feio, e sentia envergonhado pela cena que provocara.

- É... tolice... Estava sonhando. Disse umas tolices.

Eneida se retirou. A outra mulher também saiu, dando gargalhadas, contando as outras o que acontecera. Só Alice ficou de pé, séria, tragando-o com os olhos. Como ele não falasse, resolveu dizer qualquer coisa. Perguntou-se as horas. Alfredinho olhou para o relógio ao seu lado, se assustando com o adiantado da hora, sentindo a cabeça ainda zozna.

- Nossa! Quase 11...

Ela deu de ombros. Fechou a porta e principiou a tirar o vestido, calmamente. Ele não podia prever o que ela ia fazer. "Na certa queria ajeitar o vestido..."

- Alice, muito obrigado... Já estou melhor. Tolicie minha esta de delirar, de fazer você correr pro meu quarto. Pode ir. Pode ... (Ia dizer - Pode ir dormir com o homem gordo... - mas se arrependeu).

O vestido está em cima da cadeira. Agora, ela está diante da cama, como ele desejou e a viu em sonho, no delírio daquela febrezinha que lhe toma o corpo.

Faz um esforço tremendo para falar. A língua está grossa, pesando dentro da boca. Mas ele tem que falar, explicar... Que vai dizer? Precisa ter coragem, precisa falar, mas a língua cada vez mais grossa, pesando, pesando sempre. Vai desesperar, chorar, gritar...

Foi quando ela se aproximou dele e serenamente falou:

- Vou dormir com você, Alfredo.

Fuga

O espelho era grande, tão grande que ela se via nele, o corpo todo, e podia avaliar em que triste situação se encontrava. Se não fora o espelho certamente não teria atentado para os problemas que julgava tê-los em seu corpo ainda jovem. Mas descobria, infelizmente, que a figura refletida no espelho possuía uma identidade muito maior com a vida.

Afastou-se do espelho. E ao se afastar, chegou mais para perto de sua história. Vinte e seis anos. Aquele vestido preto, quente, tomando conta do corpo. As mãos brancas e compridas pareciam presas ao pano preto de compridas mangas. Amara o marido com todas as forças de seu coração. Pobre coração romântico – Fora-lhe fiel durante a existência que viveram juntos. Ele era bom, fazia-lhe todos os caprichos...

Mas a sua tragédia surgiu quando o marido morreu, quando os parentes avançaram de casa a dentro e cercaram sua mágoa e seu desconforto de todos os preconceitos e exigências sociais. Lembra-se como se visse ainda o morto, implacável, em cima do caixão, no meio da sala, entre círios, numa tristeza sem fim.

– É preciso chorar, Amélia. Olhe os vizinhos, tome cuidado com os vizinhos.

E ela chorando, ela que jamais dera valor às lágrimas. Inimiga sempre fora desses espetáculos em que o fingimento se sobrepõe aos sentimentos mais puros. Desejava ficar com a sua tristeza, sua dor, longe de todos, fora do mundo, a um canto, como se fora um indefeso gato nas unhas de um cão. Mas os parentes, os parentes exigentes envolveram-na com aquelas obrigações. De longe, abriam-lhe os braços, provocavam mais cenas e quase todos repetiam as mesmas palavras:

– Que fatalidade! Que fatalidade!

Fatalidade fora a obrigação de romper em choro forte, a todo instante, de levar o lenço aos olhos, de momento a momento, de ficar ausente do marido morto, lembrado pelos gritos histéricos das irmãs que chegavam à sala.

– Oh! que tragédia!

Não sabe as vezes que desmaiou. Mas desmaiou de cansaço, de desespero pela repetição dos encontros com os parentes, dos abraços comovidos, das fingidas palavras dos hipócritas que vinham a sua casa olhar se o morto fora vestido condignamente, se ela, a viúva, estava chorando, ou se alguém, inadvertidamente, falava na herança...

– Aceite meus sinceros pêsames. Eu era muito amigo de seu marido. Coitado, morreu tão moço... Era tão bom...

Um soluço forte, entrecortado, assim pedia o momento. E, depois, a palavra de gratidão, a palavra pronunciada em voz trêmula. Pessoas desconhecidas, mas que sabiam quanto possuía o morto, comentavam ao lado. A bandeja de café, o chá para o parente velho, a fricção de álcool para a viúva, passando e repassando.

Amélia volta ao espelho. Não é apenas o seu corpo que se reflete na lâmina de cristal, mas toda a sua vida

depois do enterro, as obrigações, a missa do sétimo dia... Ah, a missa do sétimo dia, o aperreio, o fingimento.

Aquele vestido preto tinha um calor esquisito, um calor que atormentava seus sentidos. Mas tudo piorou quando a sogra surgiu em sua casa e exigiu que ela colocasse um chorão no chapéu e não esquecesse as luvas.

- Você deve ir bem pronta. Na missa há muito gente estranha... Chore muito, chore bem, porque senão este povo vai falar.

Ah, deveria ter parecido um espantalho, branca como neve metida no vestido preto. Mas que fazer, se até agora não pudera ser realmente livre e independente como sempre desejara? Toda vida, fora mandada... Recebera admoestações dos pais, depois do marido. E, agora, da família do morto. Ela devia chorar, devia dar escândalo na igreja! Miséria!

Na missa foi outro sacrifício, uma tragédia maior do que o enterro. Esteve para desmaiar duas vezes, abraçando entre lágrimas parentes e supostos amigos do morto. Sinceramente desejou dizer umas verdades aos curiosos que estavam na igreja, falar a sério, descobrir a máscara que se alçava, indistintamente, a todos os rostos. Mas não possuía forças.

Atrás de seus desejos estava a família do marido encasacada e solene.

Quando pensou, depois da missa, que ia ter liberdade para curtir suas dores, mera ilusão. Ficou tolhida em seus movimentos. Nada mais pôde fazer, sem o esclarecimento antecipado da família. Ah, como pesam os conselhos e resoluções da família do morto!...

Por isso, só por isso ela se irrita. Olha-se no espelho e descobre que não está morta, que é uma bonita mulher de corpo insinuante e que não deve continuar esta vida de tristes recordações e de visitas protocolares ao cemitério,

todas as semanas. Precisa viver, voltar a ser mulher, um ser simplesmente humano. No momento, é uma viúva, uma viúva séria.

Foge do espelho. Não se pode olhar por muito tempo. Medo das liberdades maiores que apontam em seu corpo. E que dirá a família se ela tirar o vestido, o sufocante vestido preto? Faz mais de um ano que o marido morreu! Por que levar a vida se sacrificando, sentindo tonturas, o corpo quente?

Acha graça. Lembra-se das visitas da sogra, das conversas a respeito de sua atitude na vida.

– Olhe, Amélia, todo mundo gaba seus modos. Nunca viram viúva tão séria, tão exemplar. Meu filho merecia, não é verdade?

Viúva séria! Duas palavras todas. Ela poderia dizer muito melhor: viúva encabulada, viúva tola... Isto sim. Era encabulamento que estava sentindo, covardia em se libertar, em dizer toda a verdade. Aquilo já passava da conta. Jamais fora mulher para encenações. Não podia continuar andando pelas ruas, de luto fechado, chorão ciando do chapéu como se fora uma barreira aos olhos estranhos. Não passava tudo de uma grande comédia. Lembra-se, por duas vezes quisera se desvencilhar do vestido preto. Mas os parentes chegavam sempre... Ah! os parentes!

– Que é isso, Amélia? Não faça isso, continue sendo uma viúva séria.

Que povo! Que desejo não sentia de falar com eles noutra sentido, deitar fora todos os embustes. Não se importavam pelo sentimento guardado ao morto, mas apenas pelo seu aspecto de falsa seriedade, de parecer a todos uma virtuosa mulher. Não continuará mais nessa situação. Basta de fingimento. Hoje, dirá que não é séria, não é a jovem e recatada viúva que todos pensam, não é apenas viúva, mas uma mulher desejosa de novas aventuras. Não

vai ficar a vida toda vestindo preto, rosto fechado, fingida, largamente fingida, enganando o esposo morto.

Possuirá vestidos que lhe sirvam? Vai ao guarda-roupa. Experimenta alguns dos menos antigos. Quase todos bons. Corre novamente ao espelho. Vai se desnudando aos poucos, antegozando a sensação de libertação, de fuga, jogando a roupa para os lados, vendo-se branca e limpa, como sempre desejou.

Se a sogra chegar e perguntar por que fez isto, ela não responderá. Sabe apenas que deseja e precisa viver. Chorou muito, interpretou demais o seu papel. É justo que viva também, que exista como todas as mulheres.

A figura refletida pelo espelho é a imagem de sua vida que surge rapidamente. E o cabelo? Vai ficar com aquele cabelo feio, descuidado? Senta-se diante do espelho, que lhe restituiu nova vida. Procura os grampos. É uma necessidade parecer viva, ressurgir outra vez entre os vivos.

Desce o decote do vestido um pouco mais. Estremece de satisfação.

- Viúva séria! ora, viúva séria!

Olha para o vestido preto jogado a um canto. Naquele vestido ficou seu passado infame, puramente formal, os apertos de mão, os abraços solenes, o cheiro de vela benta, os cartões pretos, um sentimento fingido dos parentes na missa do sétimo dia...

Está livre. É mulher. Avança para a porta e penetra na rua. As casas, os homens que passam, as mulheres, adquirem outra feição. Volta a descobrir encantos nas vitrinas, nos colegiais que se enamoram na praça pública, no quase silêncio vespertino do dia.

Vai andando sem rumo. Andando como sempre desejou. E tem a certeza de que se alguém lhe der uma palavra de amor, ela será, inevitavelmente, uma prostituta.

Lábio de criança

Lembrou-se de seu passado. É estranho que pensasse nele, neste momento, sentindo a cabeça zozna, com vontade de vomitar. Mas a figura do professor, um velho da Escócia, está diante de sua carteira, olhando para o quadro-negro.. Mas ele não vê o quadro-negro nem o desenho que nele está. Tomando conta da sala lá estava, em traços imprecisos, aquele rosto, aquela boca com o lábio partido. O professor tinha a voz forte e martelava em seus ouvidos:

- “Olhem para este lábio! Vejam-no! um defeito que enfeia qualquer pessoa e envergonha também...”

Não sabe porque, deixara-se impressionar. Tolice sua. Não suportara olhar para o quadro-negro, para o desenho, para o lábio partido. Baixara a vista para o resto de sua vida. Quando menino, num acidente, ficara com o lábio defeituoso. Não era partido. Mas ele se notava a marca do talhe.

Em casa, depois da aula, pensou: “E se alguém julgar que eu nasci assim?” Passaram-se os dias. Correu um ano. Correu a vida. O professor transferiu-se para outro colégio. E ele continuou procurando esquecer o lábio partido.

Agora, a cabeça zozna, uma vontade de gritar. A sala de espera da maternidade, pequena, toda branca. Mas no

branco das paredes ele enxerga um traço vermelho riscando ostensivamente. Ergue-se da cadeira, onde estivera aniquilado, vencido, por muito tempo. Não devia ter se casado, não devia ter dado aquele passo. Só então pode estimar a que ponto chegou seu nervosismo, o seu grande medo. Se o filho nascer com o lábio partido? Um amigo contara-lhe, certa vez, que sempre tivera esses receios e um de seus filhos nascera-lhe assim...

Não, o dele de ser um menino forte e bonito. Não será um rosto pequeno, grosseiramente prejudicado por um lábio partido, com aquele vergonhoso talhe.

- “Um defeito que enfeia qualquer pessoa e envergonha também”.

Seus colegas deverão estar lembrados das palavras pronunciadas pelo maldito professor que nasceu na Escócia e veio à sala de aula, infundir-lhe terror. E esses mesmos amigos irão reparar, pensarão que ele não passa de um degenerado que lega de herança ao próprio filho, um lábio partido! - Ah! como ele é infeliz, neste momento!

Senta-se mais uma vez. Aprofunda-se na cadeira. E a esposa? Estaria passando bem? Fora um exemplo de resistência durante o período da gravidez. Pouco sofrera. Ele sofrera mais, eis a verdade, pensando nesse instante tão significativo para tantos pais, mas infelizmente opressivo e martirizante para ele. Já não desejava a criança. E por Deus, por todos os santos, sente vontade que o menino não viva se nascer assim com a terrível fenda sobre o lábio superior...

Apanha uma revista qualquer. Não pode acreditar que desejou a morte do filho! Ele não é pai, ele não está preparado para receber um filho, para ser feliz. Louva intimamente à esposa, mulher que trabalhou durante meses a fio, fazendo o enxoval para o menino. Seria menino? E se fosse uma menina?

Espera-se. Pior ainda. Um lábio partido numa mulher, seria horrível! Em sua cidade natal havia uma mocinha com o lábio fendido. Os dentes apareciam entre a fenda como se fossem dois focos de pus, naquele vermelho quase sangrento. Não, não deseja que venha uma mulher. Prefere um menino! Mas, por Deus, porque seu professor veio de longe com aquela aula? Porque, empurrado e caindo, quebrou os dentes, ferindo o lábio? Porque ficou este medo, este terror?

Solta a revista. Não deseja ler. Precisa libertar-se de seus pensamentos. Experimenta contar até cem. Um.. dois... três... cinco... (lábio partido...) dez... onze... doze... (defeito que envergonha...) vinte... vinte e um... vinte e dois... Apressa a contagem. Trinta e oito... trinta e nove... Parou ofegante, cansado, vencido. Lábio partido! É capaz de morrer, é capaz de ir embora, de desaparecer da frente dos amigos.

Amigos? Que dirão eles? Vão apontar para o filho... Vão criticar, vão ridicularizar o defeito da criança. Ah! pensa nas visitas que receberá. O menino na cama... Os amigos presentes. E as frases de agrado, de encomenda, dos que procurarão encobrir a situação: “que garoto interessante! Tão engraçado...”.

Não dirão a verdade. Terão sempre um ar de piedade fingida e os mais honestos dirão simplesmente: “é operar quanto antes”. Por Deus que ele não vai ter coragem, sangue frio, para receber essas palavras de misericórdia a respeito do filho. O menino não devia ter sido concebido. Vem errado de princípio. Para que um filho, se ele sempre fora medroso, um esquisitão, impressionado com o lábio partido?

– “Um defeito que enfeia qualquer pessoa e envergonha também”.

Maldito professor da Escócia. Teria sido maldade sua? Teria sido uma indireta? Uma advertência? Não tem certeza. Sabe apenas que é profundamente infeliz e está com a esposa sofrendo nos momentos que antecedem ao parto.

Apura o ouvido. Não ouve nada. O hospital é silêncio, silêncio branco, terrivelmente branco. Vai contar novamente, desta vez de um a quinhentos. Um... dois... três... quatro... (por que não faz uma operação?) Dez... vinte... vinte e oito... Ah, não vai poder continuar... Que horas são? O menino terá nascido? E por que não nasce logo?

Olha para o forro da sala. Olha para o piso. Mas não é o forro que ele vê, nem o piso. É a sua própria vida a sua tolice em pensar que o menino vai nascer aleijado, que ele não passa de um infeliz, de um predestinado. Coitado! É digno de compaixão um filho com o lábio partido, um filho com um defeito que envergonha!... E quando o menino crescer, quando começar a estudar, um professor há de dizer:

- "Um defeito que enfeia qualquer pessoa e que envergonha também..."

Leva as mãos ao rosto. Esconde-o. Que pesar, que pensamentos infelizes! Não poderá viver. Jamais assistirá a este triste espetáculo, a tragédia do filho. Lábio partido... Mas será que é menino mesmo? A esposa sempre falara numa bonita menina...

Levanta-se. Passeia pela sala. Seus olhos vermelhos, seus lábios trêmulos. Parou defronte ao espelho da sala. Enxergou um rosto contrafeito, uns olhos congestionados. Fugiu do espelho, com a sua própria figura. Aproximou-se da janela. Lá embaixo havia movimento, as crianças saíam da escola.

Lembrou-se. Quando o filho sair da escola, os colegas irão apontar para o seu lábio partido. Dirão apelidos deprimentes. Oh! que dor, oh! que tragédia!

Foge da janela. Caiu novamente diante do espelho. Sente-se cercado por toda parte. Em frente é o espelho, de um lado a janela... Do outro a porta fechada, a porta da revelação por onde virá a enfermeira trazer a triste noti-

cia... E o corredor, sim, por trás da porta o corredor que vai ter ao quarto por onde ele irá arrastado pela enfermeira, pouco a pouco, apreciar uma criança de lábio partido... um menino com uma fenda na boca...

Esconde o rosto entre as mãos. Está se sentindo molhado de suor. Abre os olhos e enxerga lábios partidos em todas as janelas, em todas as portas, no forro e no piso. Será que vai realmente gritar? Vai perder o controle? O que é aquilo que está sentindo, aquela coisa sem forma, sem nome, tomando conta de seu corpo? O que será?

Mas o menino deveria ter nascido!... Sabe que vai fracassar, cair no abismo, no grande abismo, se a enfermeira aparecer com a notícia. Que venha! Ele sabe. O menino nascera aleijado, com aquele terrível defeito. Já deve ter nascido e o médico não mandou avisá-lo, com receio de lhe provocar uma cena indesejável. Médicos, enfermeiros, uns mentirosos! Quem é o diretor da maternidade? Onde está o professor da Escócia?

O rosto no espelho. O rosto... O lábio partido no canto do espelho, nos seus lábios, nos olhos, esses olhos injetados, na testa quente e suada, dentro de sua cabeça. Ah! que dor de cabeça! que tontura! O lábio partido em cima de seus olhos, em cima de sua cabeça, grande, incandescente.

A enfermeira apareceu.

– O senhor é pai. Um lindo menino.

A mulher estacou. Procura palavras e não sabe o que dizer. O homem está rubro, cabelos em desalinho. Ergueu a voz para ela, como se quisesse suplantar centenas de outras vozes.

– Mentira! Sua mentira!

Era soluço, dor, agonia.

Avançou pelo corredor. Suava pelo corredor. E em cada porta nascia uma criança gritando ruidosamente.

A vida por um fio

Desejava, ardentemente, não voltar ao consultório. Quase optara abandonar de uma vez aquele dispendioso tratamento. (O caso não estava mesmo perdido?) Ficar em casa esperando a visita da morte, seria mais aconselhável. Mas o dinheiro que possuía impunha-lhe certas obrigações, esta, por exemplo, de retornar outras vezes ao consultório do médico.

Sentara-se, àquele dia, folheando uma revista, mas muito distante do assunto e das figuras. Havia em seus sentidos a vontade de não erguer a vista e olhar para a frente, sabendo que seus olhos iriam encontrar aquela mulher de sempre, a desconhecida que parecia combinar com ele o mesmo horário de consultas.

Como das vezes anteriores, estaria sentada em sua frente, tragando-o com os olhos. Procura mudar de posição, ausentar-se do olhar que escapa pelos olhos semicerrados da desconhecida. Mas seu corpo exerce sobre ele tamanha atração, que não pode. Fica com os olhos nela fixos, ternamente fixos, profundamente desamparado. Ah! que vontade de lhe dirigir a palavra, de dizer-lhe que tem os dias contados, que está por um fio, que não adianta ela pensar na possibilidade de um romance de amor!

Num esforço sobre-humano, desta vez, muda de posição. É preciso fugir daqueles olhos semicerrados, que parecem querer revelar um grande e misterioso segredo. E se pergunta quem será ela, de onde veio e o que faz ali. Será também, como ele, uma criatura de dias contados? Por que se deixa ficar assim na outra extremidade da sala, com os braços cruzados diante dos seios, quase imóvel, como se fosse uma estátua?

Devia ser amor. Primeiro amor, quem sabe? Uma paixão violenta, cega à sua aparência doentia, aos seus tremores, à sua fisionomia de homem aniquilado na iminência de cair no grande abismo da morte. Não será justo que ele a deixe se apaixonar assim, logo agora quando lhe restam de vida apenas dois meses...

– Margarida.

A mocinha parou de distribuir fichas e se aproximou. Ele se resolvera. Perguntar-lhe-á a identidade da desconhecida e de que se trata naquele consultório. Pergunta indiscreta, mas uma pergunta necessária. No entanto, uma coisa mais forte do que a sua própria curiosidade cresceu diante de sua pergunta. E ele disse como um idiota:

– A senhora me deu a ficha?

– Claro. Está nas suas mãos.

Embaraço. Riso frouxo. Posição forçada.

– Queira me desculpar.

Margarida voltou à sua mesa de trabalho, para atender a outros clientes que dela se aproximavam. E ele ficou com os olhos fitos na mulher, que dele também não tirava a vista, admirando-lhe o busto, os ombros bem feitos, o colo, as feições simples, seus cabelos levemente anelados.

Sem saber porque principiou a pensar em seus sofrimentos puramente femininos. Sim, em sua residência, ela deveria se lembrar da figura dele ali prado no consultório

sem ânimo de lhe dirigir uma palavra de amor. Oh! como ele estava sendo grosseiro! As mulheres têm coração, um coração delicado, terno, sensível, que sofre quando ama. Sabendo-lhe incorrespondida, seu sofrimento seria imenso.

Passa a mão pela frente. Sente-se mais jovem, sem notar o coração impossível dentro do peito. Descobre a oportunidade de fazer o último gesto de sua vida, de parecer, pelo menos aos olhos da moça, um homem de coração magnânimo. Dirá para ela que seu amor é impossível, proibitivo, se poderá assim dizer. Tem os dias contados, vai morrer dentro de dois meses... Não será isso, por ventura, um ato honesto?

Ergue a vista. A desconhecida continua na mesma posição, jogando dois grandes olhos sobre seu corpo, sobre suas faces sempre lívidas. Estará tremendo? Principiou a tremer e a suar. É preciso reagir, vencer o medo. Vai dizer-lhe toda a verdade. E se decorasse uma bonita frase, para armar efeito? Sabe que deve falar com simplicidade e beleza. Então não será o derradeiro instante de sua vida amorosa? Nada de titubear... Aproximar-se-á dela, tomará a respiração bem funda e há de falar pausadamente. Mas dirá o que, meu Jesus? Ah! Maldito medo, maldito suor!

Apanha a revista sobre as pernas, pela décima vez. Deseja ganhar um tempo que corre, que foge conseguir uma frase bonita, amorosa. Amorosa, não. Deve ser simples – a frase – limpa, clara, persuasiva – a frase – acima de tudo sincera. Vai dizer: “Sabe, tenho notado seus olhares para mim. Mas, infelizmente, o nosso amor é impossível. Na história, nos romances, outros já se amaram como eu e você. Amor envolvido pela tragédia... amor sagrado, rudemente apunhalado pelo destino!

Não, não! Não presta. Não deve pensar asneiras. Falará com simplicidade. “Meu Deus, o que direi?” Resolveu-se.

Olha para os companheiros da sala. Estão todos entretidos, folheando revistas, olhando para o teto, conversando alguns a meia voz.

Faz uma última tentativa, mas não pode. Há qualquer coisa puxando-o para a poltrona, qualquer coisa que vem no chão e o atrai como se fora um ímã.

Mas há de se erguer, há de dizer à pobre moça que não pode amar! Tem dois meses de vida! Dois meses! Ajusta uma frase no cérebro atordoado. Dirá: “Não posso provocar uma tragédia!” Provocar? A tragédia já rebentou, há muito tempo, quando aquela mulher, dele se apaixonou? Não. Vai dizer outra coisa. “Sabe, tenho notado seus olhares. Sei que eles são de amor, de um amor puro e sincero. Também sou assim, sincero... Infelizmente, meu coração é fraco... Estou envelhecido, não viverei mais do que dois meses...”

Completará as palavras com um gesto trágico.

Levanta-se. De repente, está diante dela, com as mãos trêmulas, o coração pulsando desordenadamente. “Meu Deus, como teve coragem? O que foi que houve?” Não enxerga nada a princípio. Há apenas a fumaça persistente de um cigarro. “Será a presença da morte?” E principia a falar em voz baixa, forçada, gutural...

– Sabe? Descobri sua simpatia para comigo. Não fale. Não diga nada. Deixe que eu fale. Sou um enfermo. Um homem morto, dirão alguns. De vida tenho apenas dois meses. Seria impossível me casar com você. Não perca seu tempo me dedicando seu olhar de amor. Por favor, não faça escândalo. Eu estou falando sinceramente...

Ela parece querer falar, dizer-lhe algo, mas ele não permite. Continua falando rapidamente, como se a coragem fosse lhe faltar a qualquer momento. Agora, seus olhos vão ficando mais claros, a fumaça do imaginário cigarro foi

para longe. E de inopino, como se descobrisse uma triste verdade, recua. Está se sentindo mal. Um tremor vago acode-lhe o corpo magro, cansado, doente. É certa a impressão de que não viverá mais de dois meses.

E a única atitude que pode tomar, é recuar, recuar sempre, como um autômato, pouco a pouco, tendo em sua retina a visão daqueles olhos semicerrados da mulher, por trás dos óculos, seu rosto contrafeito num rictus de dor. Ah! os olhos perdidos...

No fundo da sala se deixou ficar, outra vez, aniquilado, sentado na poltrona, longe da vida, longe de tudo, com a ficha na mão.

- Número 12! Ficha número 12!

A mocinha se levanta.

- É a sua vez, cavalheiro. A sua ficha não tem o número 12?

Para que falar? Que adiantam as palavras naquele momento? Não foi uma revelação silenciosa que o torturou assim? Não! Graças a Deus, ninguém observou a cena que fez. Graças a Deus, nem ela própria poderá descrever o homem que lhe dirigiu palavras de amor, tão piegas...

É a sua vez. Ficha número 12. Ergue-se da poltrona. Encaminha-se para a porta do consultório como se nada houvesse acontecido. Ah! os olhos perdidos...

Zeferino

Meninos descalços, amarelos, barrigudinhos. Calçadas riscadas de carvão, bonecas em desenhos disformes, toco de charuto, charutão preto de seu Enedino e manchas largas e escuras do fumo de d. Vitalina. O capim mais embaixo da calçada, naquele cresce-logo-mais-morre no aparado dos burros que passam e repassam nos comboios que vão à serra.

Seu Inácio no outro lado da calçada. (O calçamento irregular, esburacado, no meio, parece uma coisa morta). E seu Inácio esquecido, mais esquecido ainda na cadeira de espreguiçar, olhando os meninos descalços, amarelos, barrigudinhos enchendo com suas barrigas e nomes feios aquela rua de Pacatuba, à tarde toda.

Zeferino bem que gostaria de brincar, bem que apreciaria jogar o cabra-cega, dando rasteira nos outros ou disputando o pé-de-castelo com castanhas lixadas no cimento no patamar da igreja. Mas a verdade é que não pode brincar. Cururu olhou para ele, quando curumim, pois agora, quando vai ajeitar o cinturão, metendo as mãos no bolso à cata de castanhas, a voz de d. Vitalina salta-lhe na frente, como se ali estivesse ela, molona, pesadona, invadindo a rua.

– Zé! ZÉ-ZÉ!

E ele corre, ele que durante esses últimos tempos tem aprendido sempre a correr para servir aos outros, ora comprando bananas, ora comprando agulhas para d. Maricota, agulhas que não prestam e que se quebram ou quebram-nas todos os dias, no toque-toque da máquina de pedal. Zeferino coça a cabeça, sente vontade de esbandalhar o pé nas castanhas dos outros, de beliscar a barriga do filho de d. Vitalina e não atender o apelo da velha. Mas vai. Está indo sempre. E não vai devagar, pelo contrário, dá uma chispada porque d. Vitalina só quer tudo na hora.

Agora, seu Inácio ergueu a mão e deu uma braçada no ar. E nem por isso as moscas foram embora.

Zeferino sai de dentro de casa na carreira, esbarra em seu Enedino que vem pastorear as crianças que estão pegam-não-se-pegam.

- Vem cego, nego? Arre diabo! Parece que não enxerga!

Zeferino gagueja desculpas. Corre. Pulou para o calçamento. É preciso correr mais ainda senão a loja se fecha e ele não tem tempo de comprar mais a agulha de que precisa d. Maricota para acabar o vestido da filha do prefeito. "Por que essa menina não anda nua?"

Em Zeferino uma vontade de rir. Está pensando asneiras. Mas afinal de contas ele tem tempo de pensar... de enxergar a filha do prefeito nuazinha como a viu certa vez tomando banho no André. Se ela andasse nuazinha, ele não teria que correr atrás daquela agulha...

No meio da rua se encontra com Chiquinho.

- Êpa! Tu por aqui?

- Tou indo pro açude... Tem peixe como todo... Pego de duas fieira por dia...

- Bom, se eu pudesse tava nas águas também... Mas o diabo é a velha.

Despede-se. Vai ligeiro. Tem que comprar a agulha. (Por que será que as agulhas se quebram tanto?)

Zap! Dentro da bodega. Seu Totonho ligeiro, procurando a caixa de agulhas. E então, não é da freguesa que compra mais? Bota os óculos. O caixeiro aparece em seu socorro. Finalmente, na segunda caixa, encontra uma. Mas a agulha tem que ser das maiores, número dois. Outra busca. Outro achado. Vai sair correndo. Esqueceu o dinheiro. Esqueceu ou perdeu? Procura rapidamente no bolso de cima da blusa. Não está. Procura no da calça. Não está. Será que está no bolsinho da blusa? Remexe. O caixeiro remexe-o também com os olhos. Seu Totonho procura ajudá-lo. Há palpites.

- No outro bolso...

- No de cima...

A mão pequena apalpa o dinheiro. Está mesmo no bolsinho. Sai correndo. Seu Totonho se vira para o caixeiro.

- Pretinho bom dos diabos!

Zeferino não pôde brincar de dia, mas agora que a noite vem chegando, se alegra. Tem festa na casa do prefeito ele já se convidou para ela. Não é possível que apareça alguma ocupação. Aquilo está passando da conta. Compra agulhas para d. Maricota, bananas para seu Enedino, fumo, jornal, foguete, bota sentido aos meninos e ainda por cima de tudo, apanha quando não faz as obrigações na hora. E ninguém parece respeitar os seus desejos de brincar o pé-de-castelo, a boneca, a manja ou o cabra-cega.

- Zé! ZÉ-ZÉ!

É a voz de d. Vitalina engordando a casa.

- Vá no sítio entregar este bilhete.

Tem vontade de dizer um palavrão, feio-feio, mas não pode. Agarra o bilhete e ganha o caminho, ouvindo con-

tristado o ruído da banda de música tocando na casa do prefeito, sentindo o trejeito de seu Dandão no pistom, as mãos compridas e flexíveis do chefe da banda, as bochechas-cheias de Edmundo soprando o saxofone, e ele com vontade de chupar limão!

E mais uma vez odeia aquela sua vida. Tem vontade de fugir, de deixar Pacatuba e ir embora para a capital. Abandonar pelo menos aquela rua, seu Enedino, seu Inácio, d. Maricota, d. Vitalina, este povo que o faz trabalhar dia e noite, como que se nele não houvesse a vontade de pescar no Pirapau, de chupar limão nas barbas do chefe da banda.

Vai. Agora começou a correr. Lembrou-se da mula-sem-cabeça.

- Zé! Vá comprar a carne!
- Zé, olhe meu jornal!
- Compre meu fumo, moleque!

Zeferino apalpa o dinheiro dentro do bolso. Está resolvido. Sabe o que vai fazer. O plano já está na cabeça, faz duas noites. Não dormiu direito pensando numa maneira de fugir de Pacatuba, da sua vida miserável. Vai embora, vai fugir, deixar de comprar jornal para seu Inácio, aquele velho que bola-bola na cadeira de espreguiçar, o dia todo, dormitando e espantando moscas com a mão.

Não compra mais carne para ninguém. Nem tampouco ficará espiando os filhos de d. Vitalina, como ama seca, na calçada, à tarde toda, sem poder se meter...

- ... Na meleca do pé de castelo! Puxa!

Agora vai. Vai embora para não voltar mais. O dinheiro está dentro do bolso. O trem passará logo mais. Não demanda a capital, mas vai para o sertão. Ele irá também para o sertão. O que não pode é ficar em

Pacatuba, naquele aperreio, calça remendada, perna doendo de andar e andando. (Zé, compra jornal! Zé!...) Zé, uma conversa. Ele não atende mais nem por Zezinho nem por Zezão.

– Pronto! Acabou-se, canalha de uma figa!

Estende os passos para a estação. E a medida que se aproxima a hora da chegada do trem, ele vai se sentindo mole, se deixando vencer por uma outra vontade de ficar, de não ir. É o que ele está ouvindo em seus ouvidos as recomendações do povo: “Jornal” Carne” Agulha!”

Se fugir, quem irá comprar o jornal de seu Inácio? Sim, quem irá fazer esta caridade ao pobre homem que não tem outra ocupação na vida senão ler jornais? O jornal é sua única diversão. Por sua causa há conversas na calçada, de noite, com os vizinhos admirados das notícias que seu Inácio conta da cidade.

E o fumo? E o charuto? Seu Enedino sem o charuto. Pena-de-Judas nada pode fazer. Fica abobalhado. Perde até a vontade de viver, como já disse. E d. Vitalina não pode sair de casa, d. Maricota quebra agulhas, calça os tamancos e tem que ir à loja... Mas se ele ficar, a coisa é diferente. Há jornal, há fumo, charuto, d. Vitalina fica fazendo a comida, os meninos na calçada e d. Maricota vutevute na máquina todo tempo sem parar.

Sente que dois Zeferinos estão em choque. Um, impulsivo que deseja ir embora. Outro, o Zé calmo, tolão, com pena de seu Enedino, de seu Inácio, de d. Vitalina.

“ – Zé, meu fumo! Zé, meu jornal! Zé, minha agulha!”

Esfrega as mãos. O trem vem se aproximando. Sente um suor frio tomando conta de seu corpo. Coça a cabeça. O trem vai freiando. Qualquer coisa está também freiando sua vontade de fugir.

“ – Zé, meu fumo! Zé, meu jornal! Zé, minha agulha!”

Não, não ia embora. Recebeu o jornal, comprou a agulha, o pedaço de fumo, arranjou tudo e voltou sobre os passos, temeroso de se ter demorado muito.

Seu Inácio estendeu a mão, recebeu o jornal com satisfação. D. Maricota botou os óculos – “uma pessoa me vendo assim, pensa eu sou mesmo velha! – e examinou a agulha. Seu Enedino apalpou o fumo e deu um cheiro nele, com alegria. O Zeferino esperava uma palavra de gratidão, um muito obrigado, qualquer coisa que pagasse aquele seu gesto de não fugir, deixando-se ficar em Pacatuba, servindo de criado para todos.

Mas ninguém falava. D. Maricota enfiava a linha na agulha, seu Enedino mastigava a tora de fumo, pra lá e pra cá, como se tivesse enchido a boca de bolas de gude. O negrinho foi ficando triste, foi olhando para seu Enedino, olhando para d. Maricota, como se agora ele próprio quisesse falar.

– Zé-zé!

Zeferino assustou-se. Saiu de seu mutismo e olhou para d. Maricota. Até que afinal ela ia dizer alguma coisa, ia agradecer-lhe por ter comprado a agulha, os jornais, o fumo...

Houve um silêncio em que só se ouviu o mastigado de seu Enedino e o velho Inácio soletrando: incontabilidade. Mas o seios de d. Maricota respiraram com ela. O ventre girou. E aquela voz arrastada, quase gutural, explodiu de uma vez:

– Vá botar sentido aos meninos na calçada, seu diabo!

Pela primeira vez Zeferino se arrependeu. Mas era tarde. O trem apitava longe... longe... muito longe.

As rosas de Margarida

Por um instante o homem parou e ficou olhando o jardim bem cuidado onde as rosas se ofereciam aos seus olhos perscrutadores. Depois, prosseguiu seu caminho, procurando sentir o cheiro que delas recendia. Se morasse ali não teria parado surpreso diante do portãozinho, para olhar as rosas. Eram conhecidas as rosas de Margarida. Quase no final de sua existência, entre os muitos anos de vida, a veneranda senhora devotava o resto de seus dias ao cultivo das flores.

De lá saíam rosas para casamentos, para festas de aniversário. Ela mesmo fazia o *bouquet*, recolhendo rosas as mais bonitas e mandando-as de presente aos amigos. E as rosas ficando famosas, rosas que enfeitavam a mesa de sessão dos intelectuais da terra, as quermesses do fim da linha, a igreja de Nossa Senhora.

E quantos amores, quantos casamentos não fizeram elas! Quantos não vieram namorar à sombra do caramanchão e pedir flores a d. Margarida, curvada sob o peso dos anos, mas tão atenciosa para os admiradores de seu jardim!

Atendia aos que a procuravam no portão. Vinha caminhando vagarosamente, com dificuldade. Às vezes, preferia franquear o jardim, exigindo apenas que não lhe pisarem a grama.

Sua felicidade, seu prazer, residia naquele sorriso que saltava aos lábios dos que recebiam suas ofertas. E ela voltava para casa – a cabeça branca sobre o corpo curvado, o rosário dependurado no pescoço, o vestido de xadrez escuro, de saia larga, fazendo um agrado às plantas – procurando no ar o cheiro ativo de suas rosas.

Os filhos visitavam-na vez por outra. Eram contra o seu trabalho pelas rosas. Achavam-na bastante idosa para os afazeres do jardim.

– Olhe, mãe, a senhora devia deixar trazeremos um jardineiro.

Ela não concordava. Preferia em pessoa cuidar de suas rosas. Não era aquele o seu único prazer na vida? Que os filhos a compreendessem.

E quando se retiravam eles, depois da bênção materna d. Margarida ia ao jardim e tinha sempre uma rosa para lhes ofertar:

– Esta é para você, Nando. Esta é para Verônica. Outra para o meu neto, Nando...

– Ora, mãe, não faça isso!

– Tolice, filho. Vá... seja feliz.

E eles iam recebendo as rosas, se deixando vencer por d. Margarida. Ela queria viver com suas flores, que a deixasse viver entre elas.

O que passavam na rua, geralmente, paravam. Ficavam olhando as rosas mais bem cuidadas que por ali havia. E no meio delas, com sua cabeça branca como capuchos de algodão, d. Margarida, curvada, puxando com as mãos trêmulas e cansadas o estrume para as roseiras.

Os meninos da vizinhança tentavam se aproximar, pular o muro, perseguindo lagartixas. Mas encontravam

sempre d. Margarida lhes fazendo frente, com seu vestido de xadrez, com seu rosário no pescoço, erguendo sua voz numa atitude que desmerecia seus sentimentos.

– Ninguém! Pra longe, meninos. Não quero vocês no meu jardim. Não pisem as plantas!

Eles ficavam de longe e, às vezes, tocados pela graça da boa velha, se ofereciam para ajudá-la.

– A gente quer é ajudar a senhora...

– Então, entrem direitinho. Mas aqui dentro ninguém dá pedrada em lagartixa...

Os meninos entravam. E lá ficavam buliçosos à volta daquela mulher que bem parecia ser a avó deles todos.

Um dia d. Maricota não apareceu no jardim. Não mais as rosas foram aguadas com cuidado. Os que agora se ficavam no jardim, do lado de fora, anteviam o que no recesso da casa se prestava a suceder.

– Vai piorando? Vai melhor?

– Assim...

Aquele gesto, aquela palavra, representavam o destino das rosas. Se a velha morresse, elas não teriam mais aquele perfume, não seriam mais desejadas para as quermesses, para os casamentos, para a lapela dos namorados....

Agora, travava-se a luta. O povo do bairro, principalmente do fim da rua, comentava pesarosamente o triste fim que aguardava d. Margarida. Se ela morresse, todo mundo ia sentir-lhe saudades, porque desaparecia aquela que sempre estava a ceder as rosas mais bonitas para as festas dos pobres, dos que não podiam comprar rosas nas casas especializadas.

– Será que ela morre?

Sinal de desânimo. Àquela idade, com o organismo cansado, uma febre renitente, de dias, sem se saber o motivo, significava morte certa.

- Mas será que morre mesmo?

Ninguém responde. Todos procuram se enganar. Talvez não fosse nada. A vizinhança vem saber, de momento a momento, como está passando a enferma. E as roseiras agora são pisadas pelos meninos que correm à procura de lagartixas...

Há uma semana que a pobre velha sofre. O médico vem todos os dias acompanhando de seus filhos. Estão tristonhos, pensando no destino que ela vai ter. Para eles morre uma mãe das mais estremecidas, mas para os que moram no fim da rua, morre também a senhora das rosas...

E os meninos correndo, pisando as roseiras, despetalando as rosas, meninos que não são dali, vieram de longe, de outras casas. São netinhos de d. Margarida. E a luta se acende pelo povo, a favor das rosas.

- Não pisa, menino!

- Não faz isso!

- Larga essa rosa!

E eles, meninos indiferentes - oh! caprichosa indiferença infantil - pisando, correndo sobre a grama.

Morreu.

A notícia foi rápida e constrangedora. Veio de dentro do quarto para fora, levando em seu arrastão o choro convulso das mulheres. Os meninos ficaram sérios, compenetrados, diante do triste acontecimento. Os homens procuravam fazer alguma coisa, mas eram trágicos, cigarro após cigarro...

- Morreu?

- Morreu. Pobre velha.

Há pouco era vida, uma velhinha resistindo á uma doença traiçoeira. Agora, morta. Parada - Triste em cima

da cama, com as mãos cruzadas em cima do peito, com o rosário imóvel sobre as mãos repousantes.

- A que horas é o enterro?

- À tarde.

Poucas palavras. Mal-estar. Sono. Olhos mortos de alguém. Novas perguntas. Impaciência. Choro. Choro. Desespero.

- Morta!

O choro rebentou novamente no interior da casa. Era a despedida. Era a partida do corpo. Lenços amparavam lágrimas. Seios arfavam ante a falsa serenidade dos homens.

Mas as lágrimas mais sinceras estavam fora, no meio da calçada, no meio da rua.

O povo do bairro havia colhido todas as rosas do jardim abandonado. E, dentro da tarde tristonha, fechava agora o cortejo fúnebre com as próprias rosas de d. Margarida.

0 encontro

Dentro de mais uma hora, se muito, estaria vendo sua mãe, sua querida mãe, dando-lhe um grande abraço, satisfeito por regressar à sua terra e encontrar aquela que lhe dera a vida, sorridente e feliz por tê-lo ao seu lado, depois de quase oito anos de separação... Sim, oito anos de estudos, de saudades, com vontade de voltar, de não continuar os estudos. Porque não estudara em sua cidade natal? Agora, recorda... Sua mãe fizera questão cerrada para que ele, ainda criança, seguisse para a Capital da República, onde, segundo suas próprias palavras, tomaria um banho de civilização. E ele fora... levando poucas impressões daqueles que o rodeavam, mas que num futuro não muito longe, transformar-se-iam num doloroso motivo de saudade, o que efetivamente ocorreria. Insistira por carta, por telegrama, para retornar à sua casa. Mas a mãe obstinada não lhe dera a esperada oportunidade. “Não venha, querido filho. Você deve estudar e só voltar depois de concluir o seu curso. Se teimar me dará um grande desgosto”.

E durante o tempo todo em que esteve ausente, procurou ser um rapaz digno, um jovem estudioso, para que um dia – dia que está representando agora em poucos momentos – não fosse uma decepção aos olhos dos outros, principalmente de sua mãe.

Consulta o relógio mais uma vez. Procura agarrar-se às recordações de sua infância longínqua, tão distante para ele, a despeito de oito anos apenas que se foram. E se encontra com um menino doente, olhos pretos, gestos agitados e sem amizades. O menino que cresceu e que deixou resíduos dentro de seu corpo. Poro mais que tente recordar o passado, pouca coisa encontra. Pequenas cenas domésticas. O pranto... Ah! o pranto de sua mãe, um choro forte e desesperador é o que resta de mais acentuado em seus sentidos. Poucas palavras e a muda compreensão daquela grande verdade. A morte de seu pai. “Coitado, vai ficar órfão...” Aquelas palavras doeram bem fundo em seu coração. Viu várias pessoas entrando e saindo de sua casa. Padre Anselmo, doutor... Como era mesmo o nome do doutor? E sua mãe chorando sempre. Fora um desastre. Falava-se num atropelamento, uma tragédia, de resto. E sua mãe chorando, num pranto feio, balbuciando palavras que ele não entendeu jamais.

Depois, quase nada ficou da cena. Sabe que a casa ficou fechada como se nela não morasse ninguém, e pelo correio principiaram a chegar cartões de cercadura preta e, depois de uma semana, pessoas compadecidas – só agora ele entende – vieram despertar novas lágrimas nos olhos da viúva. E quando saíam de casa, murmuravam: “Coitado, tão novo... e órfão de pai...”

Um dia – lembra-se – não sabe se um tio ou um amigo íntimo de seu pai, externou o desejo de cuidar de sua educação. Mas sua mãe, como sempre, mostrou-se altiva. Repudiou a proposta. Teria forças suficientes para educá-lo. Restava-lhe, por certo, a esperança de ver o filho transformado num homem de bem, no bacharel diplomado depois de um curso realizado com brilhantismo.

Riu satisfeito. Então ela queria um filho formado, não era? Pois ia ver seu sonho quase realizado. Afinal de con-

tas, ele podia ter esperado mais um pouco. Mas na sua mente se fixara aquele desejo irresistível de regressar, de se avistar com sua mãe, sempre lembrada pelas cartas e por fotografias que dela recebeu durante os anos que correram.

Falara-lhe no desejo de voltar, de passar uma semana, pelo menos, a seu lado. Mas ela insistira no seu propósito.

Queria certamente – Oh! Orgulho das mães... – mostrar aos vizinhos em que resultaram suas esperanças. Mas ele precipitara-se e ela haveria de perdoar aquela vontade irrefreável de rever sua terra, sua casa...

Com esse intuito fizera economias durante dois anos, guardando um pouco do dinheiro que, pontualmente, ela enviava todos os meses. Estivera trabalhando num jornal: reportagens, crônica policial... ocupação de acadêmico, de moço pobre que sabia depender de uma viúva trabalhadora e honesta, que por ele se sacrificara.

– Sabe, João, você vai conhecer minha mãe. Uma grande mulher.

O amigo, seu companheiro de viagem, sorri para ele. Conhece-o há quatro anos, um verdadeiro amigo de todos os instantes. Sempre teve palavras de elogios para o seu comportamento, invejando-lhe a mãe que possuía, tão ciosa de seus deveres maternos.

– Terei prazer de conhecer sua mãe. Deve ser uma criatura de belas virtudes.

– Ah! Minha mãe é uma grande mulher. Tem apenas um defeito. É o orgulho de me possuir como filho. Imagine você; faz questão de mostrar aos parentes da terra, só depois que eu tiver conquistado meu diploma de bacharel...

– Isso é natural. As mães geralmente são assim.

– É... Talvez você tenha razão.

Calou-se. Ficou antevendo o rosto de sua mãe, a satisfação de vê-lo chegar. Agora, sim, ele sabe que está muito

diferente daquele menino pálido, magro, que sofreu pela primeira vez ao ver o seu pranto, o pranto de uma viúva. Olha para a última fotografia dela. Procura recordar outras cenas de seu passado. Ela está muito mudada. Também o que deseja ele? O tempo corre...

- Olhe, estamos chegando!

Fazia pouco mais de uma hora que havia chegado. Fizera uma ligeira refeição e fora levar o amigo a um dos hotéis da cidade. Meu Deus, como achava aquilo tudo diferente, tão provinciano. Pouco se recordava daqueles lugares. Alguns prédios de cinco andares, dois ou três de mais altura, haviam se erguido naquela praça.

Mais uma vez impressionado com as horas. Olhou o relógio. Ah! o tempo corra também com ele. A noite cairá, enquanto estivera pelas ruas, procurando reencontrar sua cidade, alguma coisa que lhe restituísse a infância. Mas nada. Tudo diferente. Apressou-se. Onde estava o endereço? Ah... o endereço. Tirou a caderneta do bolso. Lá estava. Teria bonde para lá? Ônibus?

Não. Não sabia. Não ia atrás de informações. Chamaria um automóvel. Afinal de contas, para que aquele seu ar de homem perdido no meio do tempo, se estava pisando em sua terra natal? Aproximou-se de um carro de praça. Deu a direção ao motorista. Aprofundou-se nos estofados e sentiu o veículo por-se em marcha, rapidamente.

Tudo parecia diferente, nada que o identificasse com o passado. Não seria muito - pensou - estar procurando pequenos fatos, detalhes que escapam à sua memória? O itinerário seria mesmo aquele? Consultou o motorista. Tudo certo. Seguia para o endereço que lhe fora confiado. Mais duas centenas de metros, o carro avançou por um beco escondido e na última casa, estacou de súbito.

- Pronto! Dois mil, trezentos e trinta... É o número da casa.

Agradeceu o serviço prestado, recompensando-o generosamente. O carro partiu e ele se sentiu só, diante da casa, com o coração batendo descompassado. Bateu na porta. Nenhum ruído. Insistiu. Ninguém respondeu. Depois, ouviu passos. Alguém vinha se aproximando. Uma luz se fez na sala da frente. Ele aproveitou os segundos que lhe sobravam antes de se avistar com sua mãe, e ajeitou a gravata. O nó estaria correto? Lamentou não ter um espelho para ver se estava mesmo alinhado... se sua figura de rapaz não iria decepcionar sua mãe. Que palavras teria para ela? Ah, nessas ocasiões assim não há palavras... Terá que abraçá-la, terá de ver o seu pranto, mas um outro pranto, desta vez de alegria, de surpresa, pelo seu regresso.

Uma voz de mulher indagou receosa, quem era, o que desejava. Ele procurou reconhecer a voz de sua mãe, a voz que o repreendera, que o acalentara.

- Sou eu... Desejo falar.

O ferrolho foi corrido. A porta se abriu.

Estava escuro, apesar da luz que se fizera na sala. Mas ele distinguiu o rosto da mulher. Era sua mãe, sem dúvida alguma. Era ela que ali estava, em sua frente, com um vestido decotado, o colo aparecendo, como se fora... Não ousou pensar.

- Mamãe, eu sou... sou seu filho.

Abriu os braços. Quis entrar, avançar pela porta, mas sua passagem foi interceptada. A mulher recuou um pouco. Abriu os olhos e gritou, como se se defendesse.

- Não, eu não tenho filho... não...o senhor está... está enganado!

- Mas é a senhora... A senhora é minha mãe. Eu vim sem avisar, queria fazer uma surpresa...

- Não... o senhor está enganado. Não tenho filho.
- Por favor, veja. Eu tenho uma fotografia no bolso.
Posso provar... Eu sou seu filho...
- Vá embora, senão eu chamo um guarda. O senhor está bêbado!

Ele ficou parado, sem saber o que fazer. Deu dois passos para trás. Procurou o endereço no bolso. Olhou novamente para o número da casa. A porta fechou-se com estrondo. E ele sentiu-se ainda mais desesperado. Seria ou não sua mãe? Fora engano, certamente. Deu meia volta e foi saindo, com lágrimas nos olhos. Estaria sonhando? Não podia acreditar... Mas aquela mulher tinha as mesmas feições de sua mãe. Agora sentia um desfalecimento, estranho tomando conta de seu corpo.

A mulher ouviu os passos se perderem na calçada. Estava com o rosto colado à porta, ouvindo os ruídos da rua.
Uma voz de homem se fez ouvir na alcova.
- Venha, meu amor, venha...
Mas ela não pôde responder.
Chorava com desespero.

Uma história de carnaval

Sentia-se terrivelmente acabrunhado. Terceiro dia de carnaval e o filho em casa, nas ânsias da morte. E ele, de longe, ouvindo o clarim, noite e dia, sentindo a cidade assaltada por uma alegria fora do comum. Os meninos na calçada, em fantasias curiosas, correndo, gritando as canções daqueles dias de alegria se fazendo ouvir por toda a parte. E ele triste... acabrunhado, a mulher o tempo todo olhando para o filho em febre alta, alheia àquele entusiasmo.

Estava de pijama. A triste realidade que lhe ia fundo no coração, fazia-o ficar anti-carnavalesco àquele dia, com ódio aos outros que se divertiam, gastando economias, economias que ele nunca guardara.

Decididamente, não sairia de casa. O carnaval em seu último dia seria um acontecimento tolo e inútil. Afrouxara o pijama, se sentia pelo menos bem sentado. Foi quando a mulher veio do quarto do filho, em choro forte e convulso. Falou para ele em voz cheia de soluço:

- Corre, corre à farmácia, Sinfrônio. Corre e compra este remédio. Fernando está pior.

Era o único filho. O menino de seus olhos. O filho que enchia sua vida de alegria. Pensou em se vestir, em apanhar uma roupa melhor. Mas a mulher lhe falava com tanta veemência, que não foi mais atrás de nada. Alcan-

çou os sapatos. Apanhou a receita. Também era carnaval. Não fazia mal sair de pijama. Ganhou a rua.

Os foliões passavam batendo tamborins. E por toda parte havia o ruído dos guizos dos pandeiros em ritmo cadenciado. Avançou. Foi rompendo a multidão. De repente, se sentiu envolvido por uma escola de samba. Só então voltou a pensar no carnaval. Aquele era o último dia e o filho doente, em tempo de morrer. (Ah, o remédio no terceiro dia de carnaval!)

Na rua, aos últimos clarões do dia, uma legião de fantasiados brincava com alvoroço. Um fartum de álcool tomava conta de todos. Tentou contornar a rua, alcançar a outra calçada e se livrar da balbúrdia. Mas não conseguiu. Foi empurrado para o concerto dos clarins, pistons, saxofones, tamborins, pandeiros e cuícas. Embaraçou-se com os que tocavam desesperadamente.

Quer ir mais eu? Vamos!

Quer ir mais eu? Vambora!

Ele não queria ir... Queria, isso sim, ardentemente se livrar da multidão que fazia o passo. Não era do carnaval. Era um pobre chefe de família, infeliz, angustiado, com um filho às portas da morte, à procura de um remédio. Que o deixassem passar. Mas ninguém procurava ouvir suas lamentações. Empurravam-no cada vez mais para o meio do povo, onde gravitava todo o entusiasmo do carnaval. Não tinha para onde fugir. – Por favor, me deixem sair! Estou com um filho doente! Vou comprar um remédio.

Alguém lançou cloretil em seus cabelos e gargalhou com alegria transbordante: “Que boa piada!”

Foi empurrado. Caiu por cima de outra loura que se mexia nervosamente. Sofreu outro empurrão. Foi obriga-

do a fazer trejeitos com o corpo, para se livrar de cair, para não ser depois pisado pela molhe humana. E com horror notou que estava dançando, que com aqueles gestos fazia o passo, enquanto em casa a esposa esperava o remédio pedido com tanta urgência para a salvação de Fernando. Não, ele não era do carnaval. Era um pobre chefe de família.

- Larguem-me! Eu quero sair!

Triste ilusão sua. Cada vez mais aumentava o número dos que se divertiam. Ia empurrado agora para uma avenida cheia de vozes e gritos, onde outros blocos se confundiam. Era o carnaval, era o povo que descera do morro, os apitos do baliza, os tamborins, as cuícas gemendo. E havia uma confusão tremenda de corpos suados, tismentos, de lança-perfume barato, serpentina e confete.

- Não, não quero ir!

Travava-se uma batalha em pleno curso. Um alto-falante despejava mais vozes, a polícia tentava fazer um cordão de isolamento. Mas a onda humana não podia ser contida. Libertava-se. Extravasava-se de autoridade na frente dos policiais. E o cloretil molhando seu pescoço, atordoando seus olhos. Caiu. Pisaram-no. Levantou-se. Foi levantado. Não sabe.

Quer ir mais eu? vamos!

Quer ir mais eu? vambora!

Gritou. Insistiu. Estava com um filho doente.

- Fernando está morrendo!

Uma tiroleza olhou em redor de si. Não viu ninguém morrendo. Falou para Sinfrônio:

- Já está bêbado, à uma hora dessa! Aqui não tem ninguém morrendo.

Ofereceu-lhe o braço. Ele quis se furtar. Mas não pode. O braço tinha visgo. Era o diabo daquele suor pegajoso

com poeira, cloretil, confete e quentura de amor liberto.
Foi para lá e para cá.

- É meu filho!

- Faz o passo e não reclama.

- Mas ele está morrendo...

Mais empurrões. Agora já não podia ficar parado, se defendendo. Tinha mesmo que dançar, que entrar no ritmo contagiante do frevo pernambucano que se ouvia. Via em sua frente seios pulando por decotes exagerados, homens em posições indecentes... Mas o que mais via era o filho se debatendo em cima da cama, a mulher chorando numa aflição sem fim...

E se o filho morresse? E se o filho, por culpa sua, não durasse mais nem um minuto?

Ah, ele era um pai criminoso, um sujeito sórdido que saía para comprar um remédio e ficava no meio da rua...

Avançou contra as paredes que lhe cercavam. Foi rechaçado. Decididamente não podia sair. Estava no meio, perdido como se fosse tragado por uma onda revolta, gigante que se engrossava mais.

- Sustenta o passo, você aí de pijama!

O suor corria em seu rosto. A blusa molhava-se em seu corpo. A receita continuava apertada na mão. Estaria mesmo na mão?

Como era o nome do remédio?

- O remédio...

Outro empurrão. Nova gargalhada.

- Tá bêbado, cabra!

O cloretil ferindo-lhe a nunca, entrando pelas narinas, atormentando seu juízo. Mas que fazer? Como estaria Fernando? Como estaria a esposa?

Mexe-se. Não suporta mais. Não sabe o que fazer. Tem que ir no frevo. Não pode vencer aquela agitação. Já viu que nada consegue. Tem que ir. Não adianta reclamar. E vai. Se some dentro da multidão.

Maria dá graças Adeus. Fernando melhorou. Está mais calmo. Agora, já não é a mãe aflita, mas a esposa pensando mil cousas, em atropelamentos, assaltos, espancamentos...

– Meu Deus, que terá acontecido ao Sinfrônio?

Corre à porta da rua. Nada. Apenas os foliões passando e o ruído dos pandeiros e tamborins. “Meu Deus, que terá acontecido?”

Volta lentamente e vai se sentar numa cadeira da sala de entrada. Certamente o marido se deixou ficar, vendo o curso, trauteando alguma canção carnavalesca, olhando para as mulheres – umas nojentas! – pensou com ódio.

Maria das Graças ia ficando vermelha. Compreendia tudo e mais do que nunca odiava os homens que passavam lá fora. Via-os pela janela entreaberta. Eram eles responsáveis pela fraqueza do marido...

Deu meia volta em cima dos tacões dos sapatos, avançou resoluta e bateu a janela com força. Queria ficar longe, longe, muito longe das batidas dos tamborins, das gargalhadas nervosas, dos apitos dos blocos.

Neste momento a porta se abriu. O ruído e a algazarra dos foliões, num grande insulto, estalaram dentro da sala estreita. Ela ainda quis falar, dizer que o marido não prestava, não valia nada. Mas calou-se. Solenemente vitorioso ele avultava na sala com o vidro de remédio na mão.